Eucalyptus Online Book & Newsletter

Texto extraído de:

Eucalyptus Newsletter nº 50 – Fevereiro de 2016

Uma realização:

º Celsius Degree / Grau Celsius
Negócios em Gestão do Conhecimento

Autoria: **Celso Foelkel**

==========

Organizações facilitadoras:

ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel

IBÁ – Indústria Brasileira de Árvores

IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais

Empresas e organizações patrocinadoras:

Fibria

ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel

ArborGen Tecnologia Florestal

Celulose Irani

CENIBRA – Celulose Nipo Brasileira

CMPC Celulose Riograndense

IBÁ – Indústria Brasileira de Árvores

Klabin

Lwarcel Celulose

Pöyry

Solenis

Stora Enso Brasil

Suzano Papel e Celulose

Relatos de Vida

Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose
Brazilian Pulp and Paper Manufacturers Association

BRACELPA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL

ibá
indústria brasileira de árvores

GT–8 & ANFPC

Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose

Preâmbulo introdutório

A década dos anos 90's, no final do século passado, talvez possa ser considerada como o período da história moderna em que aconteceram as maiores e mais importantes inovações, realizações e movimentações para o setor brasileiro de celulose e papel, seja em temas ambientais como nos fatores relacionados ao aumento de competitividade desse tipo de negócio no País. Naquela época, as combinações de palavras como "sustentabilidade ambiental" ou "sustentabilidade

do negócio" estavam ainda para serem criadas, embora já se falasse e se tentasse praticar o recém-criado conceito de desenvolvimento sustentável.

Quando essa década se iniciou, o setor global de produção de celulose e papel estava mergulhado em uma das maiores de suas crises de natureza ambiental, com a descoberta no final da década anterior da famigerada família de compostos conhecidos como dioxinas e furanos nos efluentes hídricos, resíduos sólidos (lodos da estação de tratamento de efluentes) e emissões aéreas resultantes de processos de combustão de material orgânico.

O setor havia descoberto a importância da necessidade de se respeitar o meio ambiente da forma mais dramática, com a grande movimentação popular e da mídia contra o branqueamento da celulose usando compostos clorados, principalmente cloro elementar e hipoclorito de sódio, que levam à formação dessas dioxinas e furanos em maior intensidade.

Evidentemente, esse episódio foi extremamente danoso para o setor de celulose branqueada e para os papéis brancos em suas múltiplas utilizações higiênicas e sanitárias, em embalagens de alimentos, em papéis de filtro de café, etc.

Por outro lado, esse movimento todo foi muito importante para impulsionar o setor durante toda a década dos 90's na busca de melhorar o seu desempenho ambiental, melhorar a imagem e tentar resolver alguns problemas crônicos que apresentava em relação ao meio ambiente, tais como:

- Impactos ambientais e sociais das atividades industriais e florestais;
- Uso de madeira de matas nativas (na Europa e América do Norte) ou de florestas plantadas sem garantia de origem ou de bom manejo florestal (na América Latina);
- Geração de enormes quantidades de resíduos sólidos e de efluentes hídricos;
- Grande utilização de energia elétrica, combustíveis e água;
- Problemas de odor e de outros tipos de emissões aéreas;
- Grandes desperdícios de insumos químicos, fibras, água e energia;
- Baixa interação com as partes interessadas devido à prática da gestão pelo "low profile", ou seja, não se expor a debates, fugir da mídia e "empurrar os temas conflituosos com a barriga".

Diversas ocorrências absolutamente notáveis aconteceram durante a década dos 90's para estimular tanto o respeito ambiental como a busca do desenvolvimento sustentável, bem como para alavancagem do crescimento do setor de celulose e papel no Brasil. Depois de uma "década perdida" (anos 80's) em termos de crescimento econômico, social e ambiental, o Brasil havia descoberto a democracia e a abertura de seus portos, com a possibilidade de praticar melhor o jogo do comércio exterior. Durante os anos 90's, o setor brasileiro de celulose e papel se mobilizou para implementar ferramentas de gestão mais modernas, para melhorar resultados e desempenhos e para alicerçar um novo ciclo virtuoso de construção de novas fábricas e de expansão de capacidade em fábricas existentes, só que dessa vez, com muito maior preparo em relação aos temas ambientais e sociais. O II PNPC – Programa Nacional de Papel e Celulose foi sendo gerado ao longo dessa década dos 90's para permitir que novas linhas de produção de celulose de mercado fossem criadas em empresas como Aracruz e Cenibra e novas fábricas surgissem como a Veracel na Bahia, a Votorantim Celulose e Papel em Jacareí, a Bacell também na Bahia, etc. Também as fábricas orientadas ao mercado doméstico de papel cresceram e se modernizaram (casos da Klabin, VCP, Suzano, Ripasa, etc.).

Dentre os eventos mais marcantes que alavancaram essa mudança de posturas, práticas e comportamentos no setor, tomo a liberdade de elencar os seguintes, sem me preocupar com ordem de importância e sim de seus somatórios:

- A realização da ECO 92 no ano de 1992 na cidade do Rio de Janeiro. O evento organizado pela ONU – Organização das Nações Unidas - foi também denominado de World Environmental Summit e descortinou compromissos e programas globais para a melhoria das práticas ambientais na busca do desenvolvimento sustentável. Paralelamente, e como parte do evento, resultou ainda a famosa "Declaração das Florestas" clamando por maior respeito às florestas do planeta.
- O lançamento dos programas de certificação do manejo florestal e da cadeia-de-custódia para produtos originados de florestas nativas ou de plantações florestais, tais como o do FSC – Forest Stewardship Council e os do PEFC – Pan European Forest Certification Schemes, mais tarde rebatizado como Programme for the Endorsement of Forest Certification Schemes.
- O lançamento das normas da série ISO 9.000 (sistemas de garantia de qualidade) e ISO 14.000 (sistemas de gestão ambiental) que se propagaram de forma exponencial em implementações no setor e fora dele.
- A criação do programa de produção mais limpa pela UNEP – United Nations Environment Programme e UNIDO – United Nations Industrial Development Organization, com difusão rápida a nível global, fosse em países desenvolvidos ou em processo de desenvolvimento.
- A fundação do WBCSD – World Business Council for Sustainable Development, com a coalisão de esforços de superempresas e superempresários em uma cruzada para o desenvolvimento sustentável e para a prática da ecoeficiência. Desde o início, a empresa brasileira Aracruz Celulose esteve na gestão do WBCSD através de seu sócio e legendário Erling Lorentzen.
- O fortalecimento dos programas de rotulagem ambiental em diversos países do mundo (programas *Flower* da União Europeia; *White Swan* da Escandinávia; *Blue Angel* da Alemanha e Colibri/Beija-Flor da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas).
- A mobilização de diversas Federações de Indústrias e da própria CNI – Confederação Nacional da Indústria em fortalecer seus comitês institucionais de meio ambiente, de eficiência energética e de competitividade industrial.
- A realização do estudo elaborado pela UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, sob a liderança do Dr. Luciano Coutinho e Dr. João Carlos Ferraz sobre a "Competitividade da Indústria Brasileira", encomendado pelo Governo Federal e tornado público em 1993. Um dos setores visualizados como dos mais promissores pelo estudo foi justamente o de celulose e papel (http://www.mct.gov.br/upd_blob/0002/2269.pdf)
- O fortalecimento dos programas de qualidade e produtividade através de programas como PBQP – Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade e PGQP – Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade.
- O envolvimento de megaempresários como Jorge Gerdau Johannpeter em programas de competividade industrial, como através do Movimento Brasil Competitivo (http://www.mbc.org.br/mbc/novo/index.php).

Quando a década dos 90's chegou, ela me encontrou mobilizado em temas ambientais, como no caso do branqueamento da celulose e para obter o licenciamento ambiental para a sonhada ampliação de capacidade da empresa onde

eu trabalhava como Diretor de Tecnologia e Ambiente (Riocell S.A.). Apesar do mundialmente reconhecido desempenho ambiental e florestal da empresa, o processo de licenciamento foi muito polêmico, com duas audiências públicas, enorme envolvimento político e de Organizações Não Governamentais e da mídia jornalística no processo. O conflito resultou em uma enorme procrastinação e a licença, embora concedida, não pode ser usada em função da ação do Ministério Público contestando-a. Depois de marchas e contramarchas, a licença foi colocada de lado e a ampliação de capacidade deixada em espera, só vindo a acontecer em 2015, com outro nome de empresa (Celulose Riograndense) e outros acionistas.

Nessa época, ficou claro para mim que o setor de celulose e papel carecia de mobilização institucional e de boas argumentações em temas ambientais – a gestão pelo "low profile" inibia posicionamentos institucionais mais contundentes e eficazes. A imagem do setor não era a que ele merecia e não fazia justiça ao muito que algumas empresas estavam trabalhando em termos ambientais. Era claro que os problemas ambientais ainda presentes precisavam ser entendidos, esclarecidos, resolvidos e dialogados com as partes interessadas da sociedade.

A partir de 1992, decidi mergulhar mais intensamente nesse processo, após o episódio das audiências públicas da Riocell. Comecei conquistando uma posição importante e vital em 1993 como Vice-Presidente de Meio Ambiente da ANFPC – Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, posição que mantive até 1998. A ANFPC passou a se chamar BRACELPA – Associação Brasileira de Celulose e Papel e atualmente ampliou escopo e atividades com o novo nome de Ibá – Indústria Brasileira de Árvores. Essa nova posição favoreceu obter outros assentos importantes em outras instituições, com a meta de ajudar na formação de opinião e nos posicionamentos ambientais, com ênfase na argumentação técnica e científica para resolução dos conflitos.

Dentre essas entidades e com base em equivalência de propósitos, eu destacaria as seguintes nas quais participei ativamente:

- ANFPC – Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose – Vice-Presidente de Meio Ambiente entre 1993 a 1998 e membro do GT-8 (Grupo Temático de Proteção e Melhoria do Meio Ambiente).
- ABECEL – Associação Brasileira de Exportadores de Celulose – membro e coordenador de alguns comitês como o de meio ambiente, comunicação e o florestal.
- SINPASUL – Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel, Papelão, Embalagens e Artefatos de Papel, Papelão e Cortiça do Estado do Rio Grande do Sul – membro do comitê setorial de qualidade e produtividade junto ao PGQP – Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade.
- FIERGS – Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul – membro e depois vice-coordenador do Conselho de Desenvolvimento do Meio Ambiente e membro do COMPET – Centro FIERGS de Competitividade e da CITEC – Comissão de Informação Tecnológica.
- CNI – Confederação Nacional da Indústria – membro do COEMA – Conselho Temático de Meio Ambiente.
- International Forestry Roundtable – membro representante do Brasil para temas relacionados a novas posturas da base florestal plantada, como inserção de programas de certificação florestal e de sistemas de gestão da qualidade ambiental.

...dentre outras instituições com as quais eu já me relacionava e participava em grupos de trabalho ou de diretoria.

A partir desse novo posicionamento em favor do meio ambiente e da competitividade de maneira mais institucional, passei a me envolver mais

intensamente em palestras, eventos, fóruns, reuniões, debates, etc. - sempre com enorme aproximação aos novos pares dessas novas e importantes equipes e grupos de trabalho aos quais eu me agregara.

Estarei dando a seguir uma continuidade aos meus **Relatos de Vida**, procurando agora descrever como se deu minha atuação como membro da diretoria da ANFPC – Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose e do GT-8 (Grupo Temático de Proteção e Melhoria do Meio Ambiente) daquela associação.

Relato de Vida

GT-8 & ANFPC

Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose

Vice-Presidência Meio Ambiente (Fatores de Produção) da ANFPC:

Um dos maiores privilégios que tive em minha carreira profissional foi a oportunidade de ocupar a posição de Vice-Presidente de Meio Ambiente (Fatores de Produção) da ANFPC, ex-BRACELPA, atual Ibá – Indústria Brasileira de Árvores, em dois triênios, entre 1993/1995 e 1996/1998. Não tenho ideia de como e por que fui convidado para ocupar esse cargo, mas acredito que isso foi devido aos meus esforços ambientais e florestais que tinha por prática realizar na empresa Riocell, onde eu trabalhava – e também por ser regular palestrante e autor de inúmeros textos sobre essa temática a nível global.

Essa posição na ANFPC me dava a chance de participação em todas as reuniões da diretoria e em algumas do conselho deliberativo da principal associação patronal do setor brasileiro de celulose e papel, onde eu podia encontrar, dialogar e argumentar sobre temas diversos, sempre colocando foco nos aspectos ambientais do setor. Era muito bom encontrar e conversar nessas reuniões com amigos de muita competência empresarial, pois se tratavam de diversos gestores-chaves de empresas nacionais. Imaginem que todo mês eu tinha a oportunidade de conversar e defender temas ambientais com pessoas como: H. Horácio Cherkassky; A. Cláudio Löbl; Osmar Zogbi; Ruy Haidar; Dante Ramenzoni; Raul Calfat; Bóris Tabacof; Aldo Sani; José Bignardi; Ítalo Trombini Filho; Lenomir Trombini; Walter Derani; Jahir de Castro; Aureliano Costa; Djalma Chaves; Nilson Cardoso; Ingo Plöger; Carlos Augusto Lira Aguiar; Nelton De Zorzi; Gastão Campanaro (representante da ABTCP); dentre outros tantos mais.

A diretoria executiva da entidade era conduzida pelo sempre eficiente e zeloso amigo Mário Higino Leonel, que se esmerava para que tudo acontecesse com qualidade e conforme os planejamentos e orçamentos aprovados pela diretoria e conselho.

Essas reuniões e esses debates me davam oportunidade de conhecer muito sobre os aspectos estratégicos empresariais e institucionais do setor, bem como de colocar minhas contribuições em temas de caráter ambiental. E naquela época,

esses temas ambientais eram abundantes, como veremos a seguir pela listagem de assuntos com os quais me envolvi pela ANFPC:

- Apoio à certificação florestal, que surgia como ameaça, mas que conseguimos transformar, junto com o Carlos Alberto Roxo e Cristiano Garlipp, em oportunidades. Inicialmente, existia entre muitos associados o receio de embarcar em um processo onde a maioria dos parceiros seria de ONG's ambientais e sociais, portanto, com maioria nos votos acerca dos critérios e procedimentos para certificação, etc. Nossos argumentos foram bem simples: um processo de certificação florestal só será vitorioso se ele tiver critérios que permitam a certificação dos melhores. Se acreditamos que somos bons e sustentáveis com nossas florestas plantadas e seu manejo, vamos ser os primeiros a conquistar essas certificações – e não deu outra – o Brasil se destacou nesse particular, sendo que a Klabin foi a primeira de nossas empresas a ser certificada pelo FSC logo no início desse sistema.

- Apoio às normas ambientais da série 14.000 da IS0 – International Organization for Standardization. Inicialmente vistas no Brasil como barreiras não tarifárias, também acreditamos que nossas empresas poderiam ser as primeiras no mundo a obter essa certificação no setor de celulose e papel. Mais uma vez isso se concretizou: a Bahia-Sul e a Riocell foram as primeiras empresas nas Américas a serem certificadas pela norma IS0 14.001 e duas entre as 10 empresas brasileiras e serem homenageadas pelo Governo Federal brasileiro em evento em Brasília prestigiando as dez primeiras empresas brasileiras certificadas por essa norma de gestão ambiental.

- Diálogo forte com a Comissão Europeia que tratava da elaboração dos critérios para a concessão de selo verde europeu (Ecolabel Flower) para os papéis tissue. Inicialmente, o objetivo era que fibras virgens não fossem utilizadas nesse tipo de papéis, mas nossas argumentações foram aceitas, após muito diálogo em Bruxelas e a realização de um evento em São Paulo para descortinar a essa comissão sobre as práticas ambientais e florestais das empresas brasileiras que exportavam celulose de mercado para a Europa. O evento, realizado em 1997, se denominou ""Workshop on the Sustainability of the Brazilian Pulp and Paper Industry" e consistiu em visitas a fábricas, florestas e palestras técnicas. Programa do workshop está apresentado em anexo.

- Apoio ao projeto para Avaliação do Ciclo de Vida do Papel, para detecção de seus impactos para serem mitigados. O projeto foi orquestrado pelo WBCDS – World Business Council for Sustainable Development e realizado operacionalmente pelo IIED – International Institute for Environment and Development, localizado no Reino Unido. Os levantamentos realizados pela ANFPC e ABECEL no Brasil contaram com o suporte do amigo Maurício Mendonça Jorge. Vide documentos gerados ao final dessa seção.

- Aproximação ambiental mais forte com a CICEPLA - Confederación Industrial de la Celulosa y del Papel Latinoamericana, com maior diálogo em reuniões e palestras sobre temas ambientais, para consolidação da liderança brasileira nessa temática ambiental.

- Aproximação ambiental mais intensa com os diversos sindicatos patronais do setor, tais como Sinpasul, Sinpesc; Sinpapel, Sindpacel, etc.

- Inserção de temas tecnológicos e ambientais em estudos de competitividade setorial, reciclagem do papel, "position papers", etc.

- Maior integração com os consultores externos da ANFPC para fortalecimento de temas ambientais em seus estudos de consultoria.

- Maior integração de outros GT's da entidade para aumentar a ênfase em temas ambientais: GT Comunicação; GT Documentação e GT Florestal.

- Participação efetiva no GT-8 (Proteção e Melhoria do Meio Ambiente) da ANFPC para diálogo e efetiva colaboração com esse grupo temático de trabalho.

- Exercer maior representação em fóruns onde a ANFPC possuía assento: COEMA/CNI (Conselho Temático de Meio Ambiente da Confederação Nacional da Indústria); International Forestry Roudtable; SBS (Sociedade Brasileira de Silvicultura, que estava criando a documentação e arquitetando a regulamentação do CERFLOR – Sistema Brasileiro de Certificação Florestal).

- Participação do estudo "Global Fibre Supply to 2010" da FAO – Food and Agriculture Organization, um levantamento global destinado a entender o suprimento global de fibras papeleiras, quer fossem de florestas naturais, plantadas ou fibras secundárias de papel reciclado. A coordenação desse estudo na FAO era uma das responsabilidades do amigo Olman Serrano.

- Ênfase no acompanhamento da Legislação Ambiental e Florestal, o que era muito bem realizado pelo competente e saudoso amigo Ernesto Ronchini Lima.

- Colaboração e participação nos estudos sobre a Cobrança pelo Uso da Água do Sistema Nacional de Gerenciamento dos Recursos Hídricos.

- Colaboração em estudos realizados pela ANFPC sobre reciclagem do papel, florestas plantadas, competitividade, etc.

- Monitoramento contínuo de ameaças e oportunidades sobre meio ambiente industrial e florestal.

- Forte ênfase na divulgação das melhores práticas e tecnologias em operação nas fábricas e florestas do setor brasileiro de celulose e papel, com apresentação de diversas palestras em eventos, artigos, entrevistas, etc.

- Ênfase na integração com ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel; SBS – Sociedade Brasileira de Silvicultura e ANAVE- Associação Nacional dos Profissionais de Venda de Celulose, Papel e Derivados.

- Apoio na reestruturação da ANFPC com sua fusão com a ABECEL, através da elaboração do documento prévio sobre o processo de consolidação e que foi desenvolvido conjuntamente com o engenheiro Alfred Freund, na época dirigente da ABECEL.

GT-8: Proteção e Melhoria do Meio Ambiente

O GT-8 era o grupo de trabalho da ANFPC que se ocupava em desenvolver os temas ambientais que impactavam ou que poderiam alavancar positivamente o setor brasileiro de celulose e papel. Eram seus membros os representantes de empresas associadas da ANFPC que quiserem participar do mesmo - a participação era voluntária e não obrigatória para as empresas associadas.

A coordenação do GT-8 era exercida pelo competente engenheiro da empresa Suzano Papel e Celulose, o amigo Armando Luiz de Souza Mesquita, uma pessoa de alto valor técnico e reconhecida liderança em termos ambientais.

A consultoria técnica dada pela ANFPC ao GT-8 era provida por outra pessoa de inestimável valor, o engenheiro Ernesto Ronchini Lima, que já tinha tido passagem em entidades públicas de controle ambiental e que antes de mais nada era um tremendo estudioso dos aspectos técnicos do meio ambiente industrial. Ele conhecia como poucos a legislação e a engenharia de sistemas de controle da poluição.

Tanto o Ernesto como o Armando foram acometidos por enfermidades graves e acabaram gradualmente se afastando de suas posições e atividades – o setor como um todo acabou esquecendo deles, mas eu não, bem como, acredito, os demais membros do GT-8. Ambos foram pessoas maravilhosas e dedicadas a um setor que muitas vezes se esquece de seus filhos, mas eu aproveito esse relato de vida para render aos dois a nossa sincera e agradecida homenagem. Tenho certeza que acompanhada de todos os demais membros do GT-8 e do setor. Obrigado Armando Mesquita e Ernestinho Lima – vocês foram demais trabalhando para o meio ambiente do setor brasileiro de celulose e papel.

O representante da Riocell no GT-8 era o engenheiro Jorge Herrera, que trabalhava na mesma empresa que eu naquela época, a Riocell. Herrera teve inicialmente a posição de chefe do Departamento de Controle Ambiental (DEAMBI) e depois de gerente da Divisão de Qualidade Industrial (DIQUA). Eu não tinha posição efetiva no GT-8, ia mais como suplente do Jorge Herrera, até 1993, quando assumi a Vice-Presidência de Meio Ambiente da ANFPC. Com isso, fiquei membro voluntário permanente, ia a quase todas as reuniões, palpitava muito e apoiava bastante o Armando, o Ernesto e os demais membros e subgrupos do GT.

Trabalhar com o GT-8 era outro privilégio, pois a gente se informava muito sobre as novas leis, as novas tecnologias, as potenciais ameaças, as dificuldades e as conquistas de cada empresa participante e recebia de presente do Ernesto, em cada reunião, um conjunto de textos técnicos para leitura em casa – uma espécie de revisão de literatura sobre temas atuais e da legislação ambiental que ele preparava para cada um de nós do GT-8. Um presentão para nos manter atualizados.

Para fins de colaborar com o resgate dos nomes de pessoas dedicadas, que sempre estavam presentes nas reuniões, eu gostaria de citar algumas que me recordo bem por suas valiosas contribuições: Armando Luiz de Souza Mesquita (coordenador - Suzano); Ernesto Ronchini Lima (consultor técnico pela ANFPC); Jorge Herrera, Rosane Borges Escobar e José Wilhelms Ventura (Riocell); Luiz Alexandre Kuley (Suzano); Eduardo Borges Barcellos, Zeila Piotto, Adonis Teixeira Filho e David Charles Meissner (VCP); Maury Athaide, Ricardo Coraiola e Evaristo Lopes (Klabin); Nuno Cunha e Silva, Carlos Alberto Roxo, Roosevelt Fernandes (Aracruz Celulose); Osmar Rebizzi, Eduardo Pachoalotti e Flávio Gomes (Ripasa); Hans-Jurgen Kleine (Igaras); Márcio Costa e Osmar Amaral (Cenibra); Mauri Elizário e Carlos Alberto Macedo (Santher); Pedro Stefanini (Lwarcel); Umberto Caldeira Cinque (Bahia-Sul); Gilberto Alves Mendonça (Nobrecel); Joviano Felice (Ponsa); Miriam Bertoloti e Jeives Aragão (Jari); Romeu Romani Filho (MD Papéis); Cristiane Bernardes e

Neguin Nikobin (Champion); Reginaldo Evaristo (Pisa); Manfredo Corrado Croso e Roberto Rosa (ABTCP); Vito Marcello Grieco (consultor externo da ANFPC); Beatriz Vera Pozzi Redko (consultora eterna), dentre outros participantes ao longo desses anos.

Os temas tratados no âmbito do GT-8 eram os mais variados possíveis. Em geral, as reuniões mensais começavam com uma explanação da documentação e correspondências recebidas pela associação onde haviam assuntos relacionados ao meio ambiente, para se auscultar posicionamentos técnicos ou alguma contribuição dos membros do GT. Posteriormente, trabalhavam-se assuntos externos ao GT, onde pudessem ser relatadas participações dos membros em fóruns, reuniões, eventos externos, etc. A seguir, passavam-se a trabalhar os temas próprios do GT-8, que faziam parte do plano operacional do grupo. Completava-se a reunião com debates, distribuição de publicações relevantes resgatadas pelo amigo Ernesto Ronchini Lima. Também havia uma distribuição de documentos atualizados da legislação ambiental recuperada no período e que pudesse ter algum impacto sobre o setor.

O foco do GT era mais para as externalidades e o plano operacional, que havia sido elaborado como se elabora um plano estratégico, só que de natureza ambiental e baseado nos valores e princípios do setor e da entidade.

Para atuar no plano, esse foi dividido em tópicos e o grupo dividido em subgrupos.

O trabalho do GT com base em seu plano operacional se destinava a:

- Compatibilizar o crescimento econômico setorial em consonância com o respeito ao meio ambiente e sua qualidade;
- Incentivo ao desenvolvimento tecnológico e à utilização das melhores tecnologias disponíveis para preservação ambiental;
- Conscientização para aplicação de boas práticas ambientais;
- Melhoria da imagem ambiental do setor;
- Busca da integração no setor sobre ações ambientais saudáveis e equivalentes entre as empresas;
- Orientação à entidade sobre questões ambientais estratégicas;
- Participação em elaboração de argumentações científicas para facilitar exposição pública na mídia;
- Elaboração de documentos técnicos, “position papers”, etc.;
- Monitoramento de ameaças e oportunidades ambientais;
- Estímulo à entidade para que ela fosse força motriz vital em temas ambientais no setor;
- Atuação como fórum de debates e suporte técnico em assuntos ambientais ao setor.

Como detalhamentos adicionais dos trabalhos dos subgrupos trabalhavam-se ações em pontos-chaves, tais como:

- ✓ Definição de temas ambientais específicos de máximo interesse ao setor, tais como:
    - ✓ Cobrança pela utilização dos recursos hídricos;
    - ✓ Legislação estadual e federal;
    - ✓ Licenciamento ambiental de empreendimentos industriais;
    - ✓ Auditorias ambientais;
    - ✓ Certificações ambientais e florestais;
    - ✓ Tendências de tecnologias ambientais;
    - ✓ Tendências sobre componentes ambientais de mercados;
    - ✓ Tendências de atuações de entidades ambientalistas, mídia, etc.;
    - ✓ Tendências na gestão pública e meio ambiente; etc.

- ✓ Estudo sobre inventário ambiental do setor a título de *benchmarking* e para estimular integrações ambientais setoriais: emissões, resíduos, tecnologias, consumos de energia e água, processos de medição, políticas ambientais, tratamentos de controle, etc.

- ✓ Elaboração de eventos ambientais e cooperação com entidades parceiras afins: ABTCP, ANAVE, CNI, etc.

- ✓ Etc., etc.

Enfim amigos, era um trabalho árduo, mas vital e muito gratificante. As empresas participantes apoiavam, liberavam seus melhores talentos para o GT e os trabalhos fluíam normalmente. Talvez nem sempre nas velocidades esperadas, mas em trabalhos voluntários o importante é a vontade de fazer e não a força de comando ou a motivação financeira.

A ANFPC cooperava com consultorias próprias (Ernesto Ronchini Lima e Pedro Vilas Boas, e outros consultores externos, tais como Nelson Barboza Leite e Marcello Lettière Pilar), bem como com recursos para participação em fóruns e reuniões externas, etc.

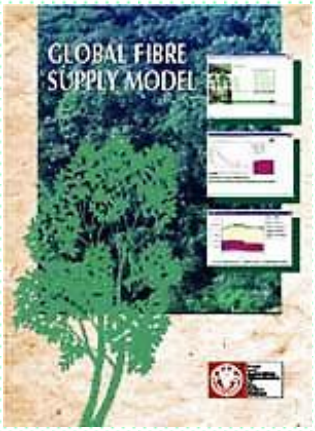
O mais importante é que o setor brasileiro de celulose e papel aprendeu muito bem a trabalhar integradamente em temas ambientais ao longo dessa década dos 90's – da mesma forma, as equipes das empresas sabiam e se conscientizavam sobre o papel de cada um de seus integrantes para a melhoria e a proteção ambiental. Bom para todos – para o setor, para nós membros do GT-8, para a sociedade e para as empresas e suas fábricas e pessoas.

Afinal, não há como se esperar que uma empresa ou um setor sejam vitoriosos se não houver respeito e compromissos socioambientais. Como nosso setor é um dos mais admirados no Brasil e no mundo por sua competitividade e resultados, nada mais justo do que proclamarmos também nosso sucesso em ações de ecoeficácia e ecoeficiência, bem como por nossa busca pela almejada sustentabilidade das operações industriais e florestais no setor.

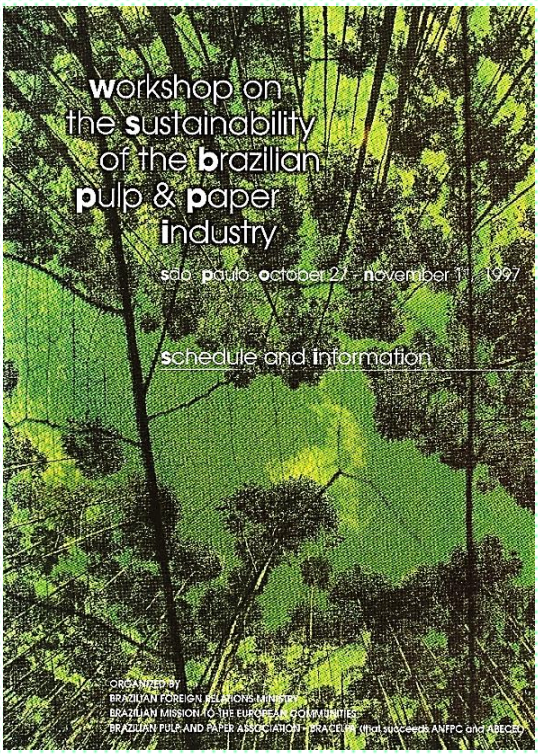
Bom ter vivido isso tudo.

Melhor ainda compartilhar essa história vivida com os que não a conheciam ainda sobre como ela aconteceu há quase 20 anos atrás.

Revista Unasylva FAO – Global Fibre Supply



Global Fibre Supply - FAO



Workshop BRACELPA orientado ao diálogo com a comissão ambiental preparando os parâmetros para selos verdes de papéis *tissue* da União Europeia (http://www.eucalyptus.com.br/artigos/1997_Sustainability_Workshop_BRACELPA.pdf)

Referências de publicações relacionadas a ações desenvolvidas via ANFPC & GT-8

Following up on "Towards a sustainable paper cycle". WBCSD – World Business Council for Sustainable Development. 08 pp. (2004)

http://www.wbcsd.org/web/publications/paper-progress-report.pdf (em Inglês)

Following up on "Towards a sustainable paper cycle". M. Grieg-Gran. IIED – International Institute for Environment and Development. 30 pp. (2003)

http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.561.7767&rep=rep1&type=pdf (em Inglês)

Global fibre supply. FAO – Food and Agriculture Organization. Unasylva nº 193. (1998)

http://www.fao.org/docrep/w7990e/w7990e00.htm (em Inglês)

Global fibre supply study. FAO – Food and Agriculture Organization. Serie of Technical Working Papers (1997-1998)

http://www.fao.org/docrep/006/W8267E/W8267E00.HTM (em Inglês)

http://www.fao.org/unfao/bodies/acpwp/acpwp38/gfsse.htm (em Inglês)

ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/006/W8268E/W8268E.pdf (em Inglês)

http://www.fao.org/docrep/W7990E/w7990e04.htm (em Inglês)

http://www.fao.org/docrep/W7990E/w7990e02.htm (em Inglês)

ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/006/X0105E/X0105E.pdf (em Inglês)

Workshop on the sustainability of the Brazilian pulp and paper industry. BRACELPA – Associação Brasileira de Celulose e Papel. 10 pp. (1997)

http://www.eucalyptus.com.br/artigos/1997_Sustainability_Workshop_BRACELPA.pdf (em Inglês)

Towards a sustainable paper cycle. IIED – International Institute for Environment and Development. WBCSD – World Business Council for Sustainable Development. (1996)

http://pubs.iied.org/X136IIED.html?k=paper%20cycle (em Inglês)

A changing future for paper. P. Knight. IIED – International Institute for Environment and Development. WBCSD – World Business Council for Sustainable Development. 36 pp. (1996)

http://pubs.iied.org/pdfs/X136IIED.pdf (em Inglês)

Paper farming: The role of plantations in the sustainable paper cycle. R. Nussbaum; S. Bass; E. Morrison; H. Speechly. IIED – International Institute for

Environment and Development. WBCSD – World Business Council for Sustainable Development. 132 pp. (1996)

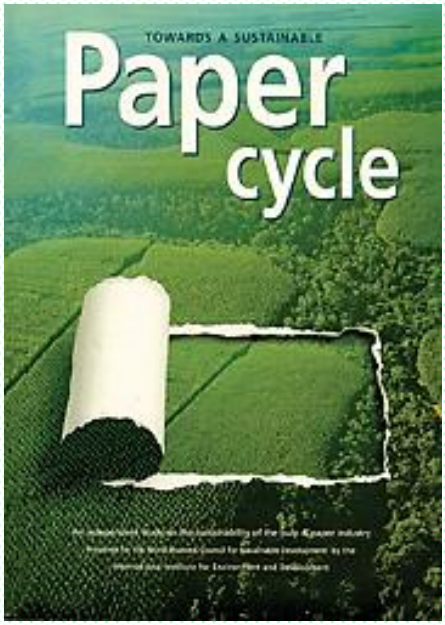
http://pubs.iied.org/pdfs/8066IIED.pdf (em Inglês)

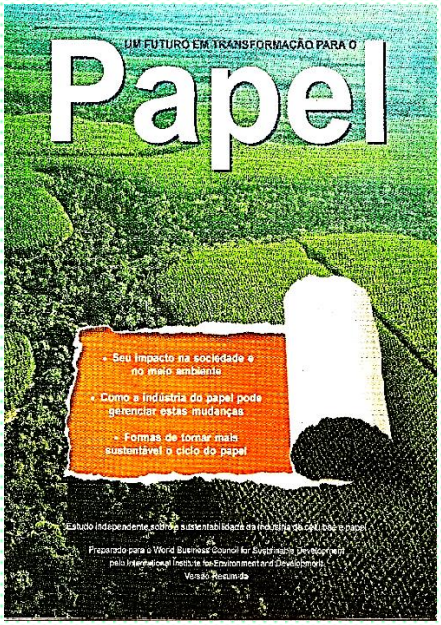
Harvesting planted trees. ANFPC – Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. 06 pp. (199_?)

http://www.eucalyptus.com.br/artigos/199_Folder_Planted_Forests_ANFPC.pdf (em Inglês)

e

http://www.eucalyptus.com.br/artigos/Harvesting_planted_trees_BRACELPA.pdf (em Inglês)





European Union Flower Ecolabel

Eucalyptus Newsletter é um informativo técnico orientado para ser de grande aplicabilidade a seus leitores, com artigos e informações acerca de tecnologias florestais e industriais sobre os eucaliptos
Coordenador e Redator Técnico - Celso Foelkel
Editoração - Alessandra Foelkel (*webmaster@celso-foelkel.com.br*)
GRAU CELSIUS: Tel. (51) 9947-5999
Copyrights © 2012- 2016 - celso@celso-foelkel.com.br

Essa **Eucalyptus Newsletter** é uma realização da **Grau Celsius**. As opiniões expressas nos artigos redigidos por Celso Foelkel, Ester Foelkel e autores convidados, bem como os conteúdos dos websites recomendados para leitura não expressam necessariamente as opiniões dos apoiadores, facilitadores e patrocinadores.

Caso você tenha interesse em **conhecer mais sobre a Eucalyptus Newsletter** e suas edições, por favor visite:
http://www.eucalyptus.com.br/newsletter.html

Descadastramento: Caso você **não queira continuar recebendo** a Eucalyptus Newsletter, o Eucalyptus Online Book e a PinusLetter, envie um e-mail para: webmanager@celso-foelkel.com.br

---

Caso esteja interessado em **apoiar ou patrocinar** as edições da Eucalyptus Newsletter, da PinusLetter, bem como os capítulos do Eucalyptus Online Book - click aqui - para saber maiores informações

---

Caso queira se **cadastrar** para passar a receber as próximas edições dirija-se a:
http://www.eucalyptus.com.br/cadastro.html